

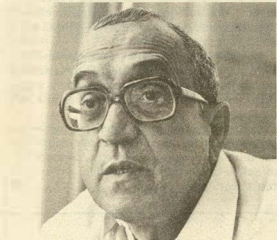
Carta de Desagravo Próprio e dos Tubarões Inocentes

Tubarões e... , o último livro de Alex Pinheiro Torres (ver «JL» n.º 219), abre com uma fábula sobre J.C.P., caçador de tubarões nos mares da Cornualha. Ao ver-se retratado em prosa fabular J.C.P. responde a Alexandre P.T. neste desagravo que reza como se segue.

José Cardoso Pires

Prezado Senhor Escritor das Inglêss,

Sacou Vossa Senhoria o trapo para me evitar de lusitanidade. Fê-lo em boa hora sua e para vaidade minha, já que me lançou para a posteridade, e por escrito, a cavalo



Alexandre Pinheiro Torres

num tubarão do tamanho da Moby Dick. Bem haja, como se diz no arcebispo do Peço de Castelo Branco.

Dos feitos que por vossa notícia pratiquei não me seria próprio falar. O coitado de mim que sou ainda se encontra aturrido por ter sido elevado à companhia daqueles que, por graça do Destino ímpar, se foram da lei da morte libertando, no dizer do Abade de Jazente, académico do Baivo Vaticano.

Mas se a um coitado se pede modestia, bom será que não se lhe cale a verdade. Como escreveu Goldsmith, ourives albiônico, «all men have their faults; too much modesty is his». O que, na linguagem da comarca lusitana, quer mais ou menos dizer:

«a modestia do vaidoso é a borboleta do piohoso», dado que não passa de enfeite ou de capricho de distiarce. Permiti, pois, que por dever de exactidão Vos restituia a mariposa e ponha à vista as chagas que me deixastes em vossas ligeiras descrições a meu respeito.

Sobre isso um só reparo Vos faço e tão grave que bastará para dele se concluir a moral do resto: é que falastes de tubarões de espécie vulgar como se fora desses que me ocupei na minha caçada, quando bem vistes com vossos olhos que a fera cuja ira dominei e tomei como presa era da temida casta dos Tubarões Almirantes, vulgo, Tenreiros, universalmente amaldiçoados por sua voracidade e expedientes malignos. Lembro-Vos que o meu modesto cometimento que relatastes teve lugar na Cornualha e que na Cornualha os mares são imperiais e neles só cabem tubarões de grande presa, como o cristianíssimo Francis Drake em cujo pub estivemos, bebendo e comemorando.

Alguém de saber piedoso usava dizer que «tubarões e figurões não se matam com orações» e, porque assim também considero, esta minha já vai longa de mais para o efeito que tem. Passo, pois, a outro ponto do Vosso escrito e esse de tão ab irritato natura que escandalizou os cavalheiros pensantes daqui e os de outras pátrias que conosco tiveram trato e comércio.

Reforo-me, como já presentis, ao pecado da soberba apátrida tão comum nos estrangeiros. Porque sacando do trapo do desdém e com simpatias de aldeão (qual sabido Sancho Pança do fidalgo manchego Quixote) de-negrístes, sem pudor cristão, a comarca lusitana a que julgo ainda pertenceis. Ai, deixai que Vos diga, incorrestes em pecado capital. Pois sabeis que, em meu sentir, a Comarca é suma e intocável. Por mim não só não a enjeito como lhe presto honra com toda a devoção da minha humilde pessoa.

É certo que os estrangeiros mal avisados têm deia mau entender devido a heresias a que são atreitos e dão fraca aceitação à nossa maneira de ser e de estar. Uns não compreendem que, sendo pátria agrícola, tenhamos que ir buscar lá fora mais de metade do que comemos; não compreendem porque desconhecem que o nosso camponês é de manguito, devoto de São José Bordalo Povinho, o das Caldas, e são tão estreitos que não vêem que isto de ir comprar sustento ao alheio é uma sábia maneira de não cansar esta terra que não nasceu para couval mas para jardim da Europa. Também há lá fora quem não abranja que se-jamos católicos sem discussão, no todo e por decreto, apesar de tão parcos em santos devidamente canonizados e tão abundantes em beatos, virgens apócrifas e santos apalavrados para breve; aos que assim pensam cumprirá lembrar que aqui se fez rei O Santo Ofício e escola a Mesa Censória, sacrifícios que só os eleitos da Fé sabem sofrer e ministrar.

E quero-me. Poderia lembrar-vos muitos outros casos de mistério lusitano causadores de espanto e inveja às Cortes dos poderosos: que fomos nós quem soube guardar Império para lá do impossível; e que não perdemos guerras porque estando nelas lhes mudámos o nome; nem colónias, porque quando desapareceram eram províncias; que não tendo empresários temos capitalistas; que todos os séculos somos navegadores sem precisar de frota; que em todas as europas do mundo o operário lusitano é o melhor entre os primeiros, apesar de ele não dar por isso.

Eis, para Vosso governo, alguns aparentes desacertos que nos fazem acertados e inconfundíveis. Que os estranhos se espantem deles não será cousa de contristar, antes de nos enaltecer porque temos uma nossa maneira orgulhosamente só de estar com Deus e com a História. Nosso providencialismo que nos sossega. Nossos filósofos brumosos. Nossa mansidão e nossa ortografia guerreira: Nosso manguito, torno a lembrar, como discurso contra as tentações das heresias do tempo. Com o manguito me fico também quando me vindes falar das Inglêss e doutros Fetais, e rio-me a bom rim quando me lembro que um jooso de lá chamado Chesterton dizia que «And a few men talked freedom, while England taked ale.»

Beberemos boa ale se quiserdes, mas aqui, em casa lusa, que para isso temos Tuborg e Calsberg que fazem a inveja dos daneses. Praticaremos então sobre estes e outros desmanços do Vosso escrito e tudo acabará em concertação, à sombra de Deus. Assim o espero.

Até lá muitas recomendações à senhora Vossa Esposa, que as minhas para convosco só à vista terão fim. ■



José Cardoso Pires

TEATRO MUNICIPAL DE
SÃO LUIZ



LISZT

Concertos comemorativos
do centenário da morte de Franz Liszt
e do 80.º aniversário de Fernando Lopes Graça

DIA 30 DE DEZEMBRO

Canções (Liszt)
Soneto de Petrarca (Liszt)
Paráfrase sobre o «Rigoloto» (Liszt)
Trovas e canções populares (Lopes Graça)
Sonatina (Lopes Graça)

soprano ELSA SAQUE
pianista NELLA MAISSA

DIA 6 DE JANEIRO

Canções tradicionais (Lopes Graça)
CORO DA ACADEMIA DE AMADORES DE MÚSICA
maestro JOSÉ ROBERT

Sempre às terças-feiras, 18.30 horas, concertos didácticos
com direcção artística e comentários pelo maestro.

José Atalaya